

PT promete radicalizar em revide

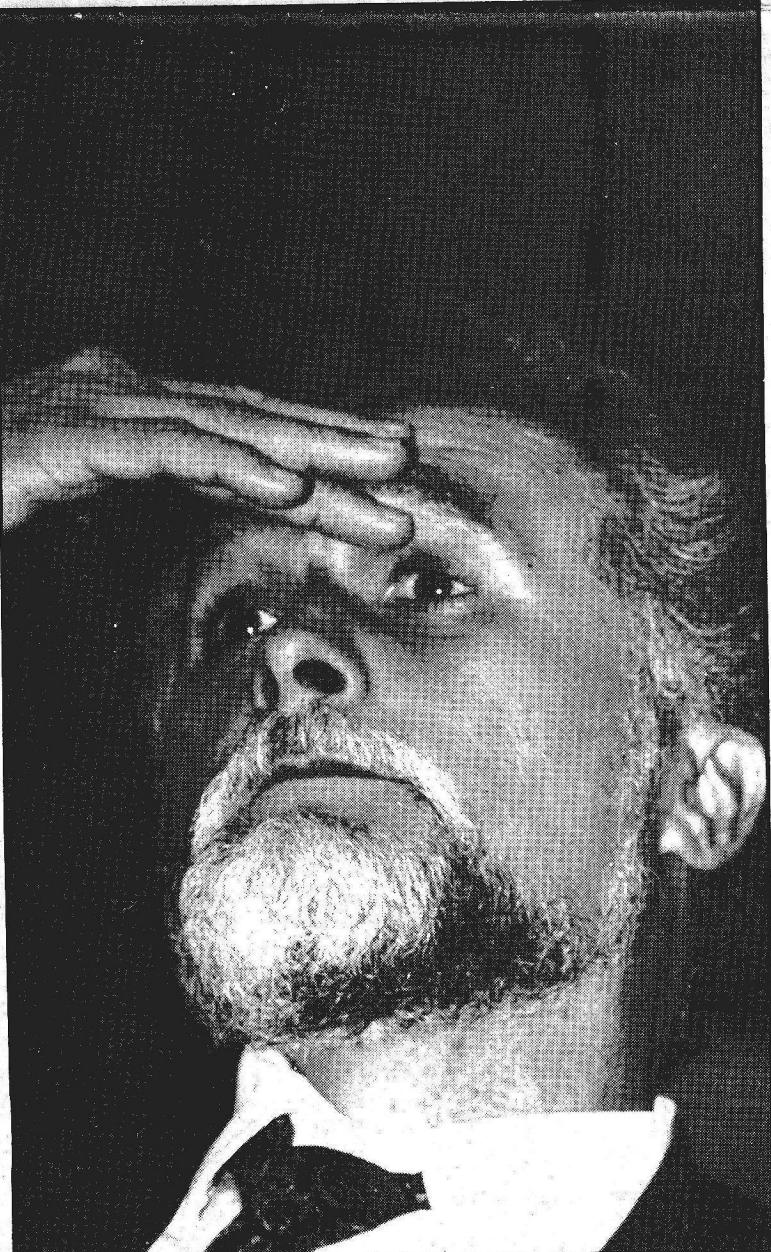
RENATA GIRALDI

A exclusão do PT na composição da mesa diretora da Câmara radicalizou os ânimos e poderá dificultar a articulação do presidente Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA) e do Governo para obter o apoio petista às reformas constitucionais. Fora da Mesa, o PT promete uma oposição acirrada à nova presidência da Casa e ao Governo e vai tentar até o último recurso — inclusive o Supremo Tribunal Federal, para conquistar a terceira Secretaria. Além disso, os petistas articulam um bloco dos derrotados, com direito a adesão de todos os que se sentirem desprezados pelo acordo que elegeu Magalhães. “Nós temos de ser o cais dessa deserção”, afirmou Paulo Delgado (MG). Para o PT, a batalha está deflagrada. “O que aconteceu corresponde a uma declaração de guerra”, anunciou o líder, Jacques Wagner (BA).

O veto à candidatura de Paulo Paim (RS) para a terceira Secretaria colocou a eleição sub judice. O PT recorreu à Comissão de Constituição e Justiça pedindo a anulação da eleição para a Terceira Secretaria. Se a CCJ aceitar o recurso, o PT conseguirá a vaga na Mesa e tirará o PP.

“A decisão foi ilegal e truculenta”, reagiu o candidato petista à presidência, José Genoíno (SP). A exclusão do PT foi uma decisão de Luís Eduardo e do presidente da sessão, Inocêncio Oliveira (PFL-PE), que alegou que se Genoíno vencesse a disputa com o pefelesta, o PT teria duas vagas na Mesa. Com esta análise, Inocêncio indeferiu a candidatura de Paim. Mas, situação semelhante aconteceu com o próprio Inocêncio, quando há dois anos concordou à Presidência com Odacir Klein (PMDB-RS). Na ocasião, o PMDB mesmo com candidato à Presidência, conseguiu a vaga a que tinha direito. “Esta foi uma decisão política e não jurídica”, argumentou Hélio Bicudo (PT-SP).

Guerra — Antes de a guerra ser lançada o PT tentou resolver a questão nos bastidores. Um grupo com Inocêncio Oliveira tentando convencê-lo a manter o critério da



José Genoíno: poucos votos, mas muita reação à “truculência”

proporcionalidade e não excluir o partido da Mesa. O líder do PT, sozinho, procurou Luís Eduardo Magalhães para fazer o mesmo. Mas neste encontro de Jacques Wagner, o petista foi acusado de fazer um acordo com Luís Eduardo. A Terceira Secretaria seria dada ao PT; em troca o partido retiraria a candidatura de Genoíno à presidência. A informação obrigou Wagner a se explicar para os colegas numa reunião, na manhã de ontem, na Comissão de Relações Exteriores. “Eu não fiz acordo nenhum, pedi apenas ao Luís Eduardo que fosse democrata e que respeitasse o critério de proporcionalidade”, afirmou. Na tentativa de manter a vaga petista, o líder pediu a palavra várias vezes durante a sessão, sempre argumentando que a decisão legitimaria e dignificaria a presidência

de Luís Eduardo.

Com a derrota, o PT trabalhará por uma oposição à presidência de Magalhães e ao Governo. “O PT vai se empenhar para conseguir aliados ao bloco dos derrotados, que irá ter uma posição de crítica e fiscalização”, comentou Paulo Delgado. O bloco não colocará dificuldades para o diálogo, mas deverá dificultar os acordos e manter a tradição de obstruir ao discordar dos projetos. “Daqui para frente será como um rolo compressor”, previu Genoíno. Já que, segundo ele, o bloco que elegeu o Luís Eduardo é o mesmo que apóia o Governo e vai assim conseguir aprovar os projetos, de acordo com a interpretação que convier, passando por cima das decisões dos pequenos partidos, como faz um rolo compressor.